

Um Tiro de Espingarda

Raymonde pôs-se à escuta. O ruído ouviu-se de novo e por duas vezes, suficientemente distinto para que se pudesse destacar de todos os ruídos confusos que constituem o vasto silêncio nocturno, mas tão débil que não saberia dizer se era próximo ou distante, se se produzia dentro do vasto castelo ou fora, nos confins sombrios do parque.

Calmamente, levantou-se. A sua janela estava entreaberta, ela afastou os batentes. A claridade da lua repousava numa calma paisagem de relvados e de bosques, onde as ruínas dispersas da velha abadia se recortavam em silhuetas trágicas, colunas truncadas, ogivas incompletas, pedaços de pórticos e restos de arcobotantes. Uma ligeira aragem flutuava à superfície das coisas, deslizando através dos ramos nus e imóveis das árvores, agitando as pequenas folhas recentes do arvoredado.

E, de repente, o mesmo ruído... Situava-se à esquerda e no andar inferior, por consequência nos salões que ocupavam a ala ocidental do castelo.

Ainda que corajosa e forte, a jovem sentiu a angústia do medo. Vestiu o robe e pegou nos fósforos.

— Raymonde... Raymonde...

Uma voz frágil como um sopro chamava-a do quarto contíguo, cuja porta não fora fechada. Dirigia-se para lá, às apalpadelas, quando Suzanne, a prima, saiu desse quarto e se deixou cair nos seus braços.

— Raymonde... és tu?... Ouviste?...

— Ouvi... Não estavas a dormir?

— Creio que foi o cão que me acordou... há bastante tempo...

Mas já não ladra. Que horas serão?

— Umas quatro.

— Escuta... Anda alguém no salão.

— Não há perigo, está cá o teu pai, Suzanne.

— Mas há perigo para ele, que dorme ao lado do salão pequeno.

— O senhor Daval também cá está...

— Na outra extremidade do castelo... Como queres que oiça?

Hesitavam, não sabendo que decidir. Chamar? Gritar por socorro? Não ousavam, pois até do som da própria voz tinham medo. Mas Suzanne, que se aproximara da janela, reprimiu um grito.

— Olha... um homem ao pé do lago.

Com efeito, um homem afastava-se a passos rápidos. Levava debaixo do braço um objecto volumoso, que não puderam identificar e que, batendo-lhe na perna, lhe dificultava a marcha. Viram-no quando passava perto da velha capela e se dirigia para uma porta que havia no muro. Essa porta devia estar aberta, pois o homem desapareceu subitamente, sem que ouvissem o ranger habitual dos gonzos.

— Vinha do salão — murmurou Suzanne.

— Não, a escadaria e o vestíbulo ficam muito mais à esquerda... A menos que...

A mesma ideia sobressaltou-as. Debruçaram-se. Por baixo delas, uma escada encostada à fachada apoiava-se ao primeiro andar. O luar iluminava a varanda de pedra. Então, um outro homem que também levava qualquer coisa transpôs o parapeito da varanda, deslizou pela escada e fugiu pelo mesmo caminho.

Suzanne, apavorada, sem forças, caiu de joelhos, balbuciando:

— Gritemos!... Gritemos por socorro!...

— Quem nos acudiria? O teu pai... E se há outros homens e o atacam?

— Poderíamos alertar os criados... a tua campainha comunica com o andar deles...

— Sim... sim... talvez seja boa ideia... Deus queira que cheguem a tempo!

Raymonde procurou junto à cama a campainha eléctrica e carregou no botão. Ouviu-se um timbre fortíssimo e tiveram a impressão de que, em baixo, deveriam ter percebido o som distintamente.

Aguardaram. O silêncio tornava-se pavoroso e já nem a própria brisa agitava as folhas dos arbustos.

— Tenho medo... tenho medo... — repetia Suzanne.

E, de repente, na noite profunda, por baixo delas, o ruído duma luta, o barulho de móveis arrastados, exclamações, depois, horrível, sinistro, um gemido rouco, o estertor de alguém a ser estrangulado...

Raymonde correu para a porta. Suzanne agarrou-se desesperadamente ao braço dela.

— Não... não me deixes... tenho medo.

Raymonde afastou-a e lançou-se no corredor, logo seguida por Suzanne, que, aos gritos, vacilava duma parede à outra. Chegou à escadaria, galgou os degraus de escantilhão, precipitou-se para a porta principal do salão e parou, pregada à entrada, enquanto, a seu lado, Suzanne caía de joelhos. À sua frente, a três passos, estava um homem com uma lanterna na mão. Com um gesto, apontou-a sobre as duas jovens, ofuscando-as, olhou longamente os rostos delas, depois, sem se apressar, com os movimentos mais calmos do mundo, pegou no boné, apanhou um papel amarrotado e duas palhinhas, fez desaparecer alguns vestígios sobre o tapete, aproximou-se da varanda, virou-se para as raparigas, cumprimentou-as com uma vénia profunda e desapareceu.

Suzanne foi a primeira a correr ao gabinete que separava o salão do quarto do pai. Mas logo à entrada ficou apavorada, perante um espectáculo horrível. À luz oblíqua da Lua, distinguiam-se no chão dois corpos inanimados, um próximo do outro.

— Pai!... Pai... És tu? Que tens? — gritou desvairada, inclinando-se sobre um deles.

Após breves instantes, o conde de Gesvres moveu-se... Numa voz alquebrada, disse:

— Não tenhas medo... não estou ferido... E Daval? Está vivo? O punhal?... O punhal?...

Neste momento, chegaram dois criados com velas. Raymonde precipitou-se para o outro corpo e reconheceu Jean Daval, o secretário e homem de confiança do conde. O seu rosto tinha já a palidez da morte.

Então ergueu-se, voltou ao salão, tirou do meio duma panóplia pendurada na parede uma espingarda que sabia estar carregada e correu para a varanda. Não havia, certamente, mais de cinquenta a sessenta segundos que o indivíduo pusera o pé na primeira travessa da escada. Por isso, não podia estar muito longe, tanto mais que tivera o cuidado de tirar a escada para a não poderem utilizar. Com efeito, avistou-o imediatamente junto às ruínas do velho claustro. Encostou a espingarda ao ombro, apontou tranquilamente e abriu fogo. O homem caiu.

— Acertou! Acertou! — proferiu um dos criados. — Aquele já está. Vou lá.

— Não, Victor, ele está a levantar-se... desce a escadaria e corre até à porta pequena. Só pode escapar por ali.

Victor apressou-se, mas, mesmo antes de chegar ao parque, o homem voltara a cair. Raymonde chamou o outro criado.

— Albert, estás a vê-lo lá em baixo? Perto da grande arcada?

— Sim, rasteja na relva... está caído...

— Vigia-o daqui.

— É impossível escapar. À direita das ruínas, fica o relvado descoberto.

— E tu, Victor, guarda a porta à esquerda — disse ela pegando na espingarda.

— Não vá lá, menina!

— Sim, sim — disse, resoluta. — Deixa-me... ainda tenho um cartucho... Se ele se mexer...

Saiu. Um instante depois Albert viu-a ir para as ruínas. Gritou-lhe da janela:

— Rastejou para detrás da arcada. Já não o vejo... cuidado, menina...

Raymonde deu a volta ao velho claustro para evitar qualquer fuga ao homem e Albert perdeu-a de vista. Ao cabo de alguns minutos, não a voltando a ver, ficou inquieto e, vigiando sempre

as ruínas, em vez de descer pela escadaria, esforçou-se por alcançar a arcada. Quando o conseguiu, desceu rapidamente e correu direito à arcada perto da qual vira o homem pela última vez. A uns trinta passos, encontrou Raymonde, que procurava Victor.

— Então? — disse ele.

— É impossível escapar-nos — disse Victor.

— A porta pequena?

— Venho de lá... aqui está a chave.

— Contudo... é preciso...

— Oh! É caso arrumado... Daqui a dez minutos esse bandido está em nosso poder.

O rendeiro e o filho, acordados pelo tiro, chegaram da quinta, cujas dependências ficavam bastante longe, à direita, mas ainda dentro dos muros; não haviam encontrado ninguém.

— Santo Deus — disse Albert —, o patife ainda se encontra nas ruínas... Descobri-lo-emos no fundo de algum buraco.

Organizaram uma batida metódica, rebuscando todas as moitas, afastando os pesados montões de hera enrolados aos fustes das colunas. Asseguraram-se de que a capela estava bem fechada e que nenhum dos vitrais fora partido. Contornaram o claustro, esquadrinharam todos os cantos e recantos. As buscas foram vãs.

Uma única descoberta: no próprio local onde o homem caíra, ferido por Raymonde, encontraram um boné de motorista, de couro amarelo. Salvo isso, nada mais.

Às seis horas da manhã, a polícia de Ouille-la-Rivière fora alertada e dirigia-se ao local, após ter enviado por correio especial, ao Ministério Público de Dieppe, uma pequena nota relatando as circunstâncias do crime, a captura iminente do principal culpado e «a descoberta do seu boné e do punhal com que fora perpetrado o crime». Às dez horas, dois automóveis desciam a ladeira que termina no castelo. Um, venerável caleche, levava o substituto do procurador e o juiz de instrução, acompanhado do escrivão. O outro, modesto cabriolé, era ocupado por dois jovens repórteres, representando o *Journal de Rouen* e um grande jornal parisiense.